

BERNARDO SANTARENO

TEATRO

A PROMESSA * O BAILARINO
A EXCOMUNGADA



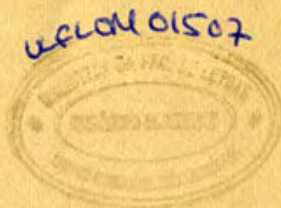
LISBOA

1957

BERNARDO SANTARENO

TEATRO

A PROMESSA * O BAILARINO
A EXCOMUNGADA



LISBOA

1957

A EXCOMUNGADA

PEÇA EM TRÊS ACTOS
E UM EPÍLOGO

PERSONAGENS

IRMÃ NATIVIDADE — MARIA DA LUZ

MADRE SUPERIORA

ROSÁRIA

IRMÃ TRINDADE

IRMÃ ANGÉLICA

CASIMIRA

ARMINDA

CUSTÓDIA

CHICO

LUÍS

ESTEVES

Época: Actualidade

PRIMEIRO ACTO

O quarto-cela da Madre Superiora num convento-clausura de freiras contemplativas. Paredes e tecto brancos, caiados. Sobrado de tábuas muito limpas, sem tapetes. Na parede do fundo, um Cristo crucificado, de marfim, com cruz de madeira negra. À esquerda central, uma porta. Uma cama de ferro, muito pobre, com coberturas brancas. Mesa de cabeceira, na qual se vêem vários frascos de medicamentos. Uma estante-prateleira, cheia de livros, na parede da direita, por cima da cabeceira da cama (esta vista de perfil pelo espectador.) Numa mesa, ao fundo, vários livros e uma jarra com rosas brancas. No ângulo fundo-direita, um pequeno armário de pinho, pintado, como a mesa. Em local adequado, uma cortina esconde um lavatório. Ao subir o pano, a Madre Superiora está metida na cama, meio sentada, recostada sobre várias almofadas. Tem o hábito vestido. Hábitos brancos.

CENA I

IRMÃ TRINDADE

(Quarenta anos, magra, alta; violência ardente nos olhos, no fundo dos quais, através duma cortina de neve, as chamas ardem alto. Um todo de dureza conquistada, luminosa. Linguagem quase sempre em afirmativas incisivas, breves: vontade que mede, que coa tudo. Distinção, nobreza marmórea, realçadas pela presença das outras religiosas. Quando sobe o pano, lava

A E X C O M U N G A D A

as mãos da Madre Superiora, servindo-se duma pequena bacia.) Não está muito quente a água, pois não, Madre?

MADRE

(Setenta anos, ligeira obesidade; natureza bondosa, certa, por vezes simpaticamente rude, ainda misturada com o sol dos campos onde nasceu. No sobrenatural, caminhou degrau a degrau: hierarquia, ordem, equilíbrio, estabilidade. Mãe: sempre mãe segura e justa. Sensível, afectiva, impetuosa: tudo harmonizado na graça de Deus.) Está bem, Irmã Trindade, está bem... Deus lhe pague! (Irmã Trindade vai colocar a bacia no lavatório. Volta com uma toalha e procura enxugar as mãos da Madre.) Ai, Irmã! Que dor! Perdoe... mas realmente hoje sofro tanto! Ao mais pequeno movimento... Ai!... Ao mais pequeno... Assim... Agora estou melhor... muito melhor! (Mudando.) Está tudo pronto para a Missa da meia-noite?

IRMÃ TRINDADE

Tudo como indicou, Madre.
(Vai pôr a toalha no lavatório.)

MADRE

(Sorriso bom, infantil.) Ainda bem, ainda bem... (Entusiasmo.) Jesus Menino vai nascer: ai, Irmã Trindade, que alegria! (Dorida.) O ano passado... levaram-me naquela cadeira... (Indica uma cadeira de rodas.) Lembra-se? Que felicidade! Hoje, não posso... E daí, talvez?...

IRMÃ TRINDADE

Não, Madre, não pode ir ao coro: (com autoridade, carinhosa) vai ficar aqui, muito quietinha. Amanhã, sim, é possível... com todo o cuidado; mas mesmo que não consiga, receberá aqui Nosso Senhor.

ACTO I, CENA I

MADRE

Tanto que eu gostava de ouvir a Missa do Natal! Está linda a nossa capela? Flores brancas, não é? Quero tudo, tudo branco! Irmã Trindade, leve também aquelas, peço-lhe: (*indica as flores da jarra*) hoje, é tudo para Nosso Senhor! tudo... (*Esforço para levantar o tronco.*) Jesus Menino vem aí! O Salvador do mundo... feito uma criancinha! (*Com dores, deixando-se cair.*) Ai!

IRMÃ TRINDADE

(*Profunda, os olhos incendiados, interioridade consumptiva.*) O Verbo Divino feito homem!

MADRE

(*A sofrer.*) Tanta dorzinha que Tu me dás hoje, meu Jesus! (*Sorrindo.*) Olhe, Irmã Trindade, sabe uma coisa? Se eu não fosse tão egoísta, tão terrena, tão imperfeita... (*gesto da Irmã Trindade*) sim, muito imperfeita, muito pegada — ainda! — às alegrias deste mundo! (*Continuando.*) Se eu fosse mais de Deus, mais do Céu, eu estaria para aqui calada que nem um rato e contente... Contente, Irmã Trindade! (*Entusiasmo.*) Então não é honra, glória, felicidade... poder estar hoje, nesta hora! assim cravadinha de dores? (*Rezando.*) Perdoa-me, minha Nossa Senhora, eu não sei, ainda não sei, apreciar as tuas graças! (*Para irmã Trindade.*) Pronto, Irmã Trindade: eu nem sequer experimentarei. Fico, ficarei aqui... (*Para Nossa Senhora.*) Unida a ti, Virgem Maria, na hora bendita em que sofres as dores do parto... Ai, Irmã Trindade, vê como Deus é bom? Como poderia eu colaborar mais intimamente no Mistério da Natividade? Como?!

IRMÃ TRINDADE

Tem razão, Madre: no seu sofrimento, hoje, sente-se a sombra d'Aquele Espírito Divino que cobriu Nossa Senhora!

A EXCOMUNGADA

MADRE

É como diz, Irmã Trindade, é assim... (*Com admiração.*) Como Deus lhe alargou o entendimento, Irmã, que profundidades há em si! (*A brincar, humilde.*) A Irmã Trindade vive lá em cima, no monte das neves eternas: que lhe pareço eu, vista lá do alto? Eu, por aqui, sempre pegada às flores, ao verde dos nossos campos, aos pássaros... Ai, Irmã, as avezinhas do céu!... Pareço-lhe uma porquita, Irmã Trindade, uma porquita gorda e velha: pega aqui... toca acolá... sempre de nariz baixo, bem pegado à terra!

IRMÃ TRINDADE

(*Rindo.*) Quem me dera a sua claridade, Madre: que luz tão boa, tão quente, vem de si!

MADRE

(*Gemendo.*) Ai! Irmã Trindade, ajude-me, ponha-me esta almofada mais para cima! (*Irmã Trindade executa. Grito de dor.*) Ai, não, assim, não! Pronto... está bem... obrigada! (*Mudando.*) Vê? Aqui tem: ainda não sei sofrer! Lembrar-me eu que nesta hora, agora! a Virgem grita estes mesmos «ais!», que da sua fronte imaculada goteja o mesmo suor que enche a minha velha e suja cara! (*Num ímpeto, atira uma das almofadas para o chão, a querer sofrer: dor viva.*) Ai! Meu Deus, meu Deus! Aqui estou, Senhora!... Assim... Ai!... Juntas O daremos ao mundo... juntas! Ai!

IRMÃ TRINDADE

(*Coloca de novo a almofada.*) Então, Madre, então!? Está bem assim?... Mais acima? (*Gesto de assentimento da Madre.*) Em primeiro lugar, Madre, Deus pede-lhe que conserve o equilíbrio, a ordem, dentro de si, para poder ser a mãe justa, serena e boa, das religiosas deste convento: não somos, todas nós, as suas filhas espirituais? Não recebeu do Senhor, através da Sua

ACTO I, CENA I

Igreja, o mandato de Superiora deste convento? Para cumprir, como até aqui — tão bem! — esse mandato, precisa de saúde, (*forte*) de defender a sua saúde em primeiro lugar!

MADRE

É assim, é: tem sempre razão, Irmã Trindade! Mas tenho-a a si: com a velhice e a doença, o Senhor deu-me também a Irmã Trindade! Onde eu já não chego, chega a Irmã. E vai longe!... Ora, muito mais longe do que eu poderia ir, mesmo se fosse nova! (*Carinhosa, faz um gesto para afagar a mão de Irmã Trindade. Dor.*) Ai, meu Deus! (*Continuando.*) Julga que eu não sei as dificuldades, as injustiças, as calúnias que tem aguentado desde que eu estou assim? Sei, sei muito bem: mesmo quando todos se calam e, junto de mim, sorriem em ar de festa! Ora se sei!... Corre mal alguma coisa na comunidade, material ou espiritualmente? A superiora... a superiora tem de remediar! Se não remedeia — por não poder ser, por Deus não querer! — passa a ouvir nas horas de recreio, aqui e além, uma palavra... e se não palavra, um silêncio repentino, um olhar de recusa ou mesmo de piedade... E são sinceras, quase sempre são críticas geradas no amor de Deus, na ânsia de mais altura, de mais pureza! Eu sei, Irmã Trindade: tantos anos! A superiora, sempre a superiora... É claro, neste caso a superiora é uma inválida, uma pobre velha, meia tonta e paralítica: bater-lhe seria uma enorme falta de caridade! A quem, então? É bem de ver: a quem estiver logo abaixo na hierarquia, a quem me empresta a voz e os passos e, às vezes, também a cabeça e o coração... Coragem, minha filha: todas as pedras que lhe atiram, é à superiora que visam! E nunca se esqueça também de que essas pedras, em geral, não vêm da maldade, mas sim da ignorância, da muita juventude!

IRMÃ TRINDADE

(*Sorriso triste.*) Aqui, todas a adoram, Madre! Se realmente, às vezes eu sinto qualquer coisa contra

A EXCOMUNGADA

mim... é na verdade contra mim, contra a Irmã Trindade, fria, dura... sem encanto!

MADRE

Sem encanto?! Oh, não, Irmã Trindade: respeito, uma certa distância, isso sim, talvez sintam... talvez!... Olhe, Irmã, eu e quase todas elas, somos... papoilas da serra, entende? A Irmã Trindade é uma camélia branca, delicada... Compreende, agora?

IRMÃ TRINDADE

Estavam habituadas a si, Madre: ao seu calor, à ternura maternal do seu coração, ao seu bom senso tão seguro... Eu sou tão diferente! E não posso mudar: seria desviar-me do meu caminho, perder tempo... Não é certo, Madre, que, acima de tudo, uma contemplativa tem de lapidar-se a si mesma, até à limpidez da santidade?

MADRE

É certo, Irmã Trindade.

IRMÃ TRINDADE

Não sei, não posso dar-lhes o que elas querem, o que elas talvez precisem, principalmente as mais novitas: uma fé toda de afectos, um amor a Cristo... quase tão quente, tão sensível, como o amor humano! Não é o meu caminho, Madre! Diante dessas... expansões, mal posso conter a minha repugnância. (*Profunda, quase violenta.*) Ó Madre, posso lá aceitar que, num convento de freiras contemplativas, o Natal seja isto!: o presépio muito lindo, alguns cânticos novos, beijos... ondas de beijos terníssimos — tão humanos! — na imagem do Menino Jesus, nuzinho, e tão belo... que parece vivo! Não, Madre, não! Há o Mistério! Porque não mergulhamos nós no Mistério?! Assim, reduzindo a nossa vida de imoladas, de consagradas...

ACTO I, CENA I

MADRE

(*Interrompendo.*) ...de esposas de Cristo...

IRMÃ TRINDADE

(*Continuando.*)...de esposas de Cristo, sim! Vivendo esta vida, de esposas de Deus, assim, com gemidos sensíveis e movimentos ternos, não é verdade, Madre, que tudo se passa como se nós, resignando-nos a explorar o lado humano desta união — necessariamente pouco compensadora neste campo—no fundo apenas mitigássemos, da maneira possível, a sede de mais, duma posse mais completa, digamos... mais carnal? (*Violenta.*) Isso procura-se e consegue-se no mundo: aqui não!

MADRE

Aqui, Irmã, há águias, há pombas, há... galinhas e patas: a todas muniu Deus de asas, capazes de as levarem até aos respectivos poleiros: uns mais altos, mais baixos os outros...

IRMÃ TRINDADE

Esposas de Deus! É preciso conhecer o Esposo, para se poder amar bem, com toda a força do ser!... Ai, Madre, se soubesse quanto eu soffro por ver as nossas irmãs, quase todas, tão longe da frescura, da luz virginal, que corre nas águas vivas — as primeiras, as de origem! — jorradadas no seio de Deus eterno! O Verbo Divino fez-se carne e habitou entre os homens! A fundura e vertigem deste Mistério!... Toda a ordem natural foi rasgada, na carne virgem duma mulher, para no-lo revelar! Ai, Madre, é preciso comer da substância de Deus, beber da água de Deus! Que frescas, que jovens, as brisas do Senhor!... Pobres ventos secos, podres, os nossos, estes cá da terra...

MADRE

(*Bondade sempre.*) O Filho de Deus amava esta nossa terra!

A EXCOMUNGADA

IRMÃ TRINDADE

Deus fez-se homem, para nos fazer deuses, a nós, Madre! O Natal é este derramamento da substância divina, que nos penetra e marca para sempre: Filhas de Deus, da raça do Senhor!... Madre, Madre, que grandeza a nossa!

MADRE

(*Sorriso bondoso, malicioso.*) Está então muito lindo o nosso presépio? Quem me dera vê-lo!...

IRMÃ TRINDADE

(*Magoada, ironia fria.*) Muito lindo, Madre: tem quatro ou seis ovelhinhas novas, este ano. E o manto de Nossa Senhora foi renovado: é azul.

MADRE

Estamos quase na hora da Missa, Irmã?!

IRMÃ TRINDADE

Quase, Madre.

MADRE

(*Apontando.*) Quero aquela porta aberta, bem aberta: pode ser que oiça os cânticos! Estou tão surda deste ouvido!... As luzes todas acesas, ouviu Irmã Trindade? Penso que estão ainda umas velas naquele armário: leve-as também!

IRMÃ TRINDADE

Não é preciso, Madre: está tudo em ordem.

MADRE

(*Grave, funda, com certa autoridade.*) Irmã Trindade, nós somos mulheres: Mulheres de Deus, mas mulheres! É muito perigoso esquecê-lo, Irmã. Não somos anjos: é preciso dar à nossa humanidade o mínimo, o

ACTO I, CENA I

essencial... Olhe que isto não é mau, é bom, é prudente! Se o não fizermos, ela revolta-se! (*Terna, delicada.*) Queria... gostava que se conservasse mulher... Percebe, minha filha? Humana, mais humana talvez. E não só por causa das outras irmãs, com certeza mais probrezitas, mas por si, também por si: temos de dar aos nossos corpos o alimento, o calor suficientes... Entende? O sobrenatural deve ser o florir, profundo e sereno, do natural... sereno, muito sereno! De outra maneira... não sei... não será firme a subida: de momento, poderá a alma iluminar como o relâmpago ou fazer tremer como o trovão... mas não passa de um belo fogo de artifício!

IRMÃ TRINDADE

(*Certa rigidez.*) À Madre, que é a Superiora, compete a escolha dos caminhos de espiritualidade no seu convento.

MADRE

Em breve... (*dolorosa*) falta tão pouco!... em breve será a Irmã Trindade a superiora deste convento: (*enérgica*) deve preparar-se! É preciso que se molde, que se habitue a amar Deus na voz das suas religiosas... tantas vezes grosseira e pesada, ou leve de vento tonto!... Tem de sentir o Senhor na carne das suas freiras: tosca ou fina, feia ou bonita... às vezes—poucas vezes, graças a Deus!—cheia de pântanos sujos! (*Alegre, mudando.*) Combinado, Irmã Trindade? (*Movimento de ternura.*) Eu gosto tanto de si!

IRMÃ TRINDADE

(*Beija, comovida, a mão da Madre.*) Também eu, Madre...

MADRE

Eu sei, filha... eu sinto... (*Mudança.*) Vá, ande, vá preparar tudo: são horas! Passe pela cozinha também: hoje quero coisas boas, bolos lindos de todas as